Vinicius Santos Nunes

12508120

FSA0102

**Questão 1** – Relação entre a antropologia cultural de Franz Boas e Margaret Mead

A antropologia cultural proposta por Franz Boas possui uma proposta diferente da sugerida até então pela antropologia evolucionista e comparativa. Boas propõe uma metodologia através da qual traços semelhantes de culturas singulares podem se originar de forma totalmente diferente. Além disso, a metodologia boaziana consiste em isolar as causas do fenômeno observado: é necessário, ao observar um fenômeno, compreender para aquele fenômeno em específico, quais as causas, internas e externas que desencadearam aquele fenômeno. Para o autor, é a partir do conjunto de fatores externos (o meio) somado aos fatores internos (a psique dos indivíduos) que é possível obter as leis que governam o desenvolvimento da cultura. Isolar causas e fenômenos é uma maneira sólida e indutiva de se conduzir a investigação. Nas palavras de Boas: “*Não se pode dizer que a ocorrência do mesmo fenômeno sempre se deve às mesmas causas, nem que ela prove que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares. Temos que exigir que as causas a partir das quais o fenômeno se desenvolveu sejam investigadas, e que as comparações se restrinjam àqueles fenômenos que se provem ser feitos das mesmas causas. Devemos insistir para que essa investigação seja preliminar a todos os estudos comparativos mais amplos*” (BOAS, Antropologia Cultural, p12)

Além disso, a observação etnográfica é fundamental para a boa estrutura da antropologia cultural. Para Boas, é necessário que se observe (em campo) e que se descreva de forma metodológica os fenômenos observados. É somente a partir da observação detalhada sobre como uma determinada cultura se desenvolve que é possível comparar causas e efeitos afim de se entender as leis que determinam o desenvolvimento da cultura.

Um dos diversos pontos que conecta Mead e Boas e a observação etnográfica metodológica que a autora constrói. “*Concentrei-me nas meninas da comunidade. Passava a maior parte do tempo com elas. Estudei com máxima atenção as famílias em que as adolescentes viviam. Fiquei mais tempo nas brincadeiras infantis que nos conselhos dos anciãos. Falando sua língua, comendo sua comida, sentando-me descalça e de pernas cruzadas no piso forrado de seixos, fiz o possível para minimizar as diferenças entre nós e para aprender a conhecer e compreender todas as meninas de trˆs aldeias na costa na pequena ilha de Ta’u, no arquipélago de Manu’a*”. (MEAD, A adolescência em Samoa, p25). A autora possui seu objeto definido e vai a campo para detalhar de forma metodológica os fatores internos e externos que incidem neste fenômeno, e uma vez feitas as observações, é possível comparar a dinâmica das relações de adolescência entre essa tribo isolada e o ambiente da menina americana.

Em Sexo e Temperamento tal conexão não é menos evidente. Mead isola o fenômeno para compreender de forma clara quais são fatores incidem em determinado padrão de comportamento dos indivíduos. Além de evidentemente compor uma etnografia detalhada com metodologia cientifica e rigorosa.

Ambos os autores então a partir de descrições detalhadas de fenômenos isolam e estudam as causas históricas, externas e internas que incidem sobre ele. O amadurecimento de uma etnografia sólida não poderia ser considerado sem olharmos pela abordagem destes dois autores. É fundamental compreendermos os objetivos da antropologia cultural para um entendimento científico sobre o outro, entendendo que os caminhos possíveis para cada grupo de ser humano percorrer são infinitos e que mesmo de pontos de partida comuns, as jornadas podem ser muito diferentes. É nosso papel olharmos de forma crítica como estes desdobramentos acontecem.

**Questão 4** - Como a discussão de Zora Neale Hurston sobre relações raciais nos Estados Unidos questiona ideias convencionais sobre oposições entre negros e brancos e Norte e Sul?

Zora Hurston se manifesta sobre as relações raciais mostrando diferentes formas de compreender o ser negro. A autora descreve diferentes tipos de percepções relacionadas ao ambiente em que vive. Por um lado, na pequena cidade negra de Eatonville, Hurston não apresenta grandes questões relacionadas ao antagonismo entre negros e brancos. Por outro lado, tudo muda quando a autora desembarca em Jacksonville. Apesar das diferenças, Hurtson não abre espaço para um discurso conformista da subjugação negra. Nas palavras da autora: “*Mas eu não sou tragicamente uma pessoa de cor. Não há uma grande tristeza represada em minha alma ou à espreita por detrás dos meus olhos. [...] Nessa escaramuça confuso que é minha vida, tenho visto que o mundo é dos fortes, independente de uma pigmentação maior ou menor. Não, eu não lamento o mundo – estou muito ocupada afiando minha faca de ostras.*” (HURTSON, Como eu me sinto uma pessoa de cor, p47).

Apesar disso, em momento nenhum a autora nega a existência de conflitos. Isso fica claro na seguinte passagem: “*A posição do meu vizinho branco é muito mais difícil. Nenhum espectro marrom puxa a cadeira a cadeira ao meu lado quando me sento para comer. Nenhum fantasma escuro empurra minhas pernas contra as minhas na cama. O jogo de manter o que se tem nunca é tão empolgante quanto o jogo de conquistar*”. (HURTSON, Como eu me sinto uma pessoa de cor, p48).

Um dos pontos centrais na abordagem de Hurtson é justamente propor abordagens alternativas às convencionais dicotomias entre brancos e negros. Isso fica claro na argumentação de O sistema “negro de estimação”. A autora afirma por exemplo que diversos pontos de vistas não foram colocados para o público. Nesse mesmo texto, Hurtson aborda diferentes formas em que o racismo se manifesta no Sul e no Norte dos Estados Unidos: “*O Norte não tem interesse no Negro em particular, mas fala de justiça para todos. O Sul não possui o interesse, e não finge possuir, na massa de Negros, mas está muito preocupado com o indivíduo*” (HURTSON, O sistema “negro de estimação”, p48). É a partir deste ponto que a autora desenvolve seu pensamento sobre a teia de benefícios e privilégios que se observa no Sul. A autora vai além e relaciona encontra as raízes históricas que contribuem para tal fenômeno.

Hurtson nos trás um olhar observador participante e teórico muito importante para entender as relações raciais nos Estados Unidos. A autora levanta pontos polêmicos, mas fundamentais para o melhor aprofundamento da argumentação. Seu olhar crítico é muito valioso para discussão do tema de forma categórica.